

J.D.SALINGER

O APANHADOR
NO CAMPO
DE CENTEIO

THE CATCHER IN THE RYE



EDITORA DO AUTOR

O APANHADOR NO CAMPO DE

CENTEIO

Jerome David Salinger

TRADUÇÃO DE:

Álvaro Alencar

Antônio Rocha

Jório Dauster

1

Se querem mesmo ouvir o que aconteceu, a primeira coisa que vão querer saber é onde eu nasci, como passei a porcaria da minha infância, o que meus pais faziam antes que eu nascesse, e toda essa lengalenga tipo David Copperfield, mas, para dizer a verdade, não estou com vontade de falar sobre isso. Em primeiro lugar, esse negócio me chateia e, além disso, meus pais teriam um troço se eu contasse qualquer coisa íntima sobre eles. São um bocado sensíveis a esse tipo de coisa, principalmente meu pai. Não é que eles sejam ruins — não é isso que estou dizendo — mas são sensíveis pra burro. E, afinal de contas, não vou contar toda a droga da minha autobiografia nem nada. Só vou contar esse negócio de doido que me aconteceu no último Natal, pouco antes de sofrer um esgotamento e de me mandarem para aqui, onde estou me recuperando. Foi só isso o que contei ao D.B., e ele é meu *irmão* e tudo. Ele está em Hollywood. Não é muito longe deste pardieiro, e ele vem me visitar quase todo fim de semana.

Quando eu voltar para casa, talvez no mês que vem, é ele quem vai me levar de carro. Comprou há pouco tempo um Jaguar, um desses carrinhos ingleses que fazem uns trezentos quilômetros por hora e que custou uns quatro mil dólares.

D.B. agora vive nadando em dinheiro, mas antigamente a coisa era outra.

Quando morava conosco era apenas um escritor. Se é que nunca ouviram falar nele, foi D.B. quem escreveu aquele livro de contos fabuloso, *O Misterioso*

Peixinho Dourado. O melhor conto do livro era a estória do garotinho que não deixava ninguém ver seu peixe dourado, só porque o tinha comprado com seu próprio dinheiro. Achei o máximo. Agora D.B. está em Hollywood, se prostituindo.

Se há coisa que eu odeie, é cinema. Não posso nem ouvir falar de cinema perto de mim.

Vou começar a contar do dia em que saí do Internato Pencey. O Pencey é aquele colégio em Angerstown, na Pennsylvania. Já devem ter ouvido falar nele, ou pelo menos visto os anúncios. Eles fazem propaganda em mais de mil revistas, mostrando sempre um sujeito bacana, a cavalo, saltando uma cerca.

Parece até que lá no Pencey a gente passava o tempo todo jogando polo. Pois nunca vi um cavalo por lá, nem mesmo para amostra. E, embaixo do desenho do sujeito a cavalo, vem sempre escrito: “Desde 1888 transformamos meninos em rapazes esplêndidos e atilados”. Pura conversa fiada. Não *transformam* ninguém mais do que qualquer outro colégio. E não vi ninguém por lá que fosse esplêndido e atilado. Talvez dois sujeitos, se tanto. E esses, com certeza, já chegaram lá assim.

De qualquer modo, era o sábado do jogo de futebol com o Saxon Hall, considerado um grande acontecimento no Pencey. Último jogo do ano, era caso para suicídio ou coisa parecida se o Pencey não vencesse. Lembro-me que eram umas três horas da tarde, e eu, em pé, lá em cima do morro, bem ao lado de um canhão maluco da Guerra da Independência. Dali podia ver o campo todo, os dois times se massacrando por toda a parte. Não dava para ver direito as arquibancadas, mas dava para se ouvir os gritos da torcida, fortes e terríveis do lado do Pencey, porque o colégio em peso estava lá — menos eu — e débeis e desanimados do pessoal do Saxon Hall, porque o time visitante quase nunca trazia muita gente.

Pouquíssimas garotas iam aos jogos de futebol. Só os veteranos tinham permissão de levar suas pequenas. Era um colégio horrível, sob todos os pontos-de-vista. Gosto de estar num lugar onde, pelo menos, a gente possa ver umas garotas de vez em quando, mesmo que elas estejam apenas coçando o braço, assoando o nariz, rindo à toa ou coisa que o valha. A tal Selma Thurmer — que era filha do diretor — costumava ir muito aos jogos, mas não era exatamente um

tipo que deixasse a gente com água na boca. Mas era muito boazinha. Uma vez sentei ao lado dela no ônibus de Angerstown e começamos a bater papo.

Simpatizei com ela. Tinha um nariz enorme, as unhas eram todas roídas e avermelhadas, usava um desses seios postiços que apontam para todo lado, mas no fim a gente sentia um pouco de pena dela. O que eu gostava nela é que não vinha com aquela conversa de que o pai era um grande sujeito. Com certeza sabia o cretinaço que ele era.

Eu estava ali no alto do morro, e não no campo, porque tinha acabado de chegar de Nova York com a equipe de esgrima. Eu era a droga do capitão da equipe. Grande merda. Tínhamos ido a Nova York, de manhã, para uma competição com o colégio Mc-Burney. Só que não houve competição nenhuma.

Esqueci os floretes, o equipamento e a porcaria toda no metrô. Também, a culpa não foi só minha. Tinha que ficar me levantando o tempo todo para olhar o mapa e saber onde a gente tinha que saltar. Por isso voltamos para o Pencey lá pelas duas e meia, em vez de chegar na hora do jantar. Na viagem de volta o time me deu o maior gelo. Até que foi engraçado.

Também não fui assistir ao jogo porque ia me despedir do velho Spencer, meu professor de História. Ele estava gripado e por isso imaginei que não o veria

de novo até o começo das férias de Natal. Havia escrito um bilhete, dizendo que queria me ver antes de eu voltar para casa. É que sabia que eu não ia voltar para o Pencey.

Esqueci de falar sobre isso — eu tinha sido chutado do colégio. Não ia mesmo voltar depois das férias de Natal porque tinha sido reprovado em quatro matérias e não estava estudando nada. Eles tinham me avisado mais de uma vez que eu devia me dedicar aos estudos — principalmente na época das parciais, quando meus pais foram chamados para uma conversa com o velho Thurmer —

mas nem liguei. E aí fui reprovado. Eles reprovam um bocado de gente no Pencey, porque o colégio tem um alto nível de ensino. Tem mesmo, no duro.

Enfim era dezembro, estava fazendo um frio de rachar, principalmente no alto daquele morro idiota. Eu estava só com um paletó, sem luvas nem nada.

Uma semana antes alguém tinha entrado no meu quarto e roubado meu casaco de pelo de camelo, com as luvas forradas de pele no bolso e tudo. O Pencey estava cheio de vigaristas. A maioria dos alunos vinha de famílias riquíssimas, mas assim mesmo o colégio estava cheio de ladrões. Quanto mais caro um colégio, mais gente safada tem, no duro. De qualquer maneira, eu continuava ao lado daquele canhão maluco, olhando o jogo lá embaixo, e gelado até o rabo. Só que não estava prestando muita atenção à partida. Só estava zanzando por ali para ver se conseguia sentir uma espécie qualquer de despedida, porque já deixei uma porção de colégios e lugares sem ao menos saber que estava indo embora.

Odeio isso. Não importa que seja uma despedida ruim ou triste, mas, quando saio de um lugar, gosto de saber que estou dando o fora. Se a gente não sabe, se sente pior ainda.

Mas dessa vez dei sorte. De repente pensei num troço que me ajudou a sentir que estava dando o fora.

Lembrei de um dia, por volta de outubro, em que eu, Robert Tichener e Paul Campbell estávamos batendo bola em frente das salas de aula. Bons sujeitos, especialmente o Tichener. Era pouco antes da hora do jantar e já estava escurecendo, mas continuamos a jogar assim mesmo. Foi ficando cada vez mais escuro, a gente quase não via mais a bola, mas não queríamos parar nossa brincadeira. Afinal tivemos que parar. Um tal de Zambesi, professor de biologia, pôs a cabeça para fora da janela e mandou que fôssemos para o dormitório, nos preparar para o jantar. Se dou a sorte de lembrar um troço desses, consigo preparar uma despedida — pelo menos é o que basta na maioria das vezes. Feito isto, dei meia volta e saí correndo morro abaixo, na direção da casa do velho Spencer. Ele não morava no colégio; a casa dele era na Avenida Anthony Wayne.

Corri até o portão principal do colégio e aí parei um instante, até retomar

fôlego. Para dizer a verdade, não tenho fôlego nenhum. Primeiro, porque fumo demais — quer dizer, fumava, pois eles me fizeram parar.

Segundo, porque cresci dezesseis centímetros e meio no ano passado. Foi por isso que quase fiquei tuberculoso e tive que vir para cá, fazer essa droga desses exames e tudo. Mas tenho um bocado de saúde.

De qualquer maneira, logo que recuperei o fôlego atravessei correndo a estrada. O chão estava coberto de gelo e quase me esborachei todo. Nem sei porque

estava correndo — acho que era só porque me tinha dado vontade.

Depois de atravessar a estrada senti um negócio esquisito, como se eu estivesse desaparecendo. Era uma dessas tardes meio malucas, fria pra burro, sem sol nem nada, e a gente se sentia como se estivesse desaparecendo toda vez que atravessava uma estrada.

Quando cheguei na casa do velho Spencer toquei a campainha pra valer.

Estava gelado dos pés à cabeça. Minhas orelhas doíam e quase não podia mexer os dedos. — Vamos, vamos — disse quase gritando — vê se alguém abre logo essa porta! Finalmente a velha Spencer abriu a porta. Não têm empregada nem nada, por isso são eles mesmos que vêm sempre abrir a porta. É que o dinheiro lá não anda sobrando.

— Holden! — disse ela. — Que prazer ver você aqui! Entra meu querido, você deve estar morto de frio!

Acho que ela ficou mesmo satisfeita em me ver. A velhinha gostava de mim, pelo menos é o que eu acho.

Tratei de entrar o mais depressa que pude e fui perguntando:

— Como vai a senhora? Como vai o Professor Spencer?

— Deixa-me guardar seu paletó, meu filho — disse ela. Era meio surda e nem me ouviu perguntar como estava o professor.

Enquanto ela pendurava meu paletó no armário do vestíbulo, puxei o cabelo para trás, com a mão mesmo. Eu uso o cabelo à escovinha e por isso nunca tenho de me pentear muito.

— Como tem passado a senhora? — perguntei outra vez, só que agora um bocado mais alto para ver se ela me ouvia.

— Vou passando bem, Holden — respondeu, enquanto fechava a porta do armário. — E você, como vai? — Pelo jeito que ela perguntou vi logo que o velho Spencer já lhe tinha falado da minha expulsão.

— Tudo bem comigo. Como vai o Professor? Continua gripado?

— Se continua, Holden! Também, da maneira que ele está se tratando... Pode entrar, meu filho, ele está lá no quarto.

2

Cada um deles tinha seu próprio quarto e tudo. Deviam andar beirando os setenta anos, ou até mais. No entanto, apesar da idade, sentiam prazer em qualquer coisinha, ainda que, naturalmente, fosse um prazer meio besta. Sei que parece maldade falar assim deles, mas não é por maldade que eu falo. O negócio é que costumava pensar um bocado no velho Spencer, e, se a gente pensasse muito nele, começava a imaginar por que cargas d'água ele ainda continuava a viver. Já estava todo torto, empenado, e, na sala de aula, sempre que deixava cair um pedaço de giz, um sujeito qualquer da primeira fila tinha que se levantar para apanhar o giz do chão. Na minha opinião, um troço desses é realmente doloroso.

Mas se a gente pensasse nele apenas o suficiente, em vez de ficar pensando *demais*, acabava vendo que, afinal de contas, ele não estava se arranjando tão mal. Por exemplo, um domingo em que eu e outros sujeitos tínhamos ido à casa dele tomar chocolate, ele nos mostrou uma manta, toda velha e usada, que tinha comprado de um índio navajo no Parque de Yellowstone. Via-se que o velho Spencer tinha vibrado com aquela compra. É isso que eu queria dizer: tem gente velha pra chuchu, como o velho Spencer, que fica na maior felicidade só porque comprou um cobertor.

A porta do quarto estava aberta, mas bati assim mesmo só para bancar o educado e tudo. Do corredor, podia ver onde ele estava, sentado numa baita poltrona de couro, todo enrolado naquele cobertor que eu acabei de falar. Olhou na minha direção quando bati.

— Quem é? — gritou de lá — Caulfield? Entre, rapaz. — Fora da sala de aula ele estava sempre gritando.

Isso às vezes me enchia um pouco.

Foi só entrar e fui ficando logo meio arrependido de ter ido. Ele estava lendo a revista *Atlantic Monthly*, havia pílulas e remédios espalhados por todo canto e o quarto inteiro cheirava a *vick-vaporub*. Era um bocado deprimente. Já não morro de amores por gente doente, mas o negócio era ainda mais deprimente porque o

velho Spencer estava usando um roupão tão velho e surrado que parecia já ter nascido dentro dele. De qualquer maneira, não me agrada muito

ver um sujeito velho de pijama ou roupão. Fica sempre aparecendo o peito, todo ossudo e encalombado. E as pernas. Perna de gente velha na praia é sempre branca e sem cabelo.

— Como vai o senhor? — eu disse. — Recebi seu bilhete e quero lhe agradecer. (Ele tinha me mandado um bilhete pedindo que eu aparecesse para dizer adeus antes das férias de Natal, mas era tudo porque eu não ia voltar mesmo.) — O senhor nem precisava escrever, vinha mesmo aqui me despedir.

— Senta aí, meu filho — disse o velho Spencer, mostrando a cama.

Sentei e fui tratando de perguntar:

— O senhor melhorou da gripe?

— Meu filho, se me sentisse um pouquinho melhor ia ter que chamar um médico — Pronto, foi o que bastou. Teve o maior acesso de riso. Afinal, se endireitou e disse:

— Por que é que você não foi ao jogo? Pensei que hoje fosse o dia da grande partida.

— É hoje, sim. Estive lá, mas acontece que estou voltando agorinha mesmo de Nova York com a equipe de esgrima. (Puxa, a cama dele era dura como uma pedra.)

Ele aí começou a ficar sério pra diabo. Eu sabia que ia ser assim.

— Quer dizer que você vai nos deixar, não é?

— É, sim senhor, acho que sim.

Nesse instante, ele começou com aquele negócio de balançar a cabeça.

Duvido que haja alguém que sacuda mais a cabeça que o velho Spencer. A gente ficava sem saber se ele balançava a cabeça porque estava pensando muito, ou se era apenas porque já estava ficando gagá.

— O que é que o Doutor Thurmer lhe disse, meu filho? Soube que vocês tiveram uma boa conversinha.

— É, tivemos sim. Uma conversa e tanto. Acho que fiquei mais de duas horas no escritório dele.

— E o que foi que ele disse a você?

— Ah... esse negócio de que a Vida é um jogo e tudo mais. E que a gente precisa jogar de acordo com as regras. Ele até que foi simpático, quer dizer, não subiu pelas paredes nem nada. Só ficou falando que a Vida é um jogo e tudo. O

senhor sabe.

— E a vida é um jogo, meu filho. A vida é um jogo que se tem de disputar de acordo com as regras.

— Sim, senhor, sei que é. Eu sei.

Jogo uma ova. Bom jogo esse. Se a gente está do lado dos bacanas, aí sim, é um jogo — concordo plenamente. Mas se a gente está do *outro* lado, onde não

tem nenhum cobraão, então que jogo é esse? Qual jogo, qual nada.

— O Doutor Thurmer já escreveu para seus pais?

— Disse que ia escrever segunda-feira.

— E você, por acaso, já se comunicou com eles?

— Não senhor, não me comuniquei porque acho que vou vê-los na quarta-feira de noite, quando chegar em casa.

— E como é que você acha que eles vão receber a notícia?

— Bem... vão ficar um bocado aborrecidos, lá isso vão. Acho que esse já é o quarto colégio em que estive. (Sacudi a cabeça. Eu costumo sacudir a cabeça um bocado.) — Puxa! — disse. Eu também vivo dizendo “Puxa!”, em parte porque tenho um vocabulário horroroso, e em parte porque às vezes me comporto como se fosse um garoto. Naquele tempo eu tinha dezesseis anos — estou com

dezessete agora — mas de vez em quando me comporto como se tivesse uns treze. E a coisa é ainda mais ridícula porque tenho um metro e oitenta e cinco e já estou cheio de cabelos brancos. Estou mesmo. Um lado da minha cabeça — o direito — tem milhões de cabelos brancos desde que eu era um garotinho.

Apesar disso, às vezes me comporto como se tivesse doze anos. É o que todo mundo diz, principalmente meu pai. Até certo ponto é verdade, mas não é *totalmente* verdade. As pessoas estão sempre pensando que alguma coisa é *totalmente* verdadeira. Eu nem ligo, mas tem horas que fico chateado quando alguém vem dizer para me comportar como um rapaz da minha idade. Outras vezes, me comporto como se fosse bem mais velho — no duro — mas aí ninguém repara. Ninguém nunca repara em coisa nenhuma.

O velho Spencer começou a sacudir a cabeça de novo. Começou também a limpar o nariz. Fingiu que estava só coçando, mas enfiou mesmo o dedão lá dentro. Acho que ele pensou que não fazia mal, porque só eu estava no quarto.

Não que eu me *importasse*, só que é um bocado desagradável ficar olhando alguém limpar o nariz. Aí ele disse:

— Tive o privilégio de conhecer seu pai e sua mãe quando eles tiveram aquela conversinha com o Doutor Thurmer algumas semanas atrás. São excelentes pessoas.

— É sim, eles são muito bons.

Excelente. Se há uma palavra que eu odeio é essa. Falsa como quê. Só de ouvir me dá vontade de vomitar.

Então, de repente, o velho Spencer ficou com cara de quem tinha uma coisa especial, algo de verdadeiramente fabuloso, para me dizer. Endireitou-se todo na poltrona e virou mais para o meu lado. Mas não passou de um rebate falso. Só fez mesmo apanhar o *Atlantic Monthly* do colo e tentar jogá-lo em cima da

cama, ao meu lado. Só tem que errou. Por uns cinco centímetros, mas errou.

Levantei, apanhei a revista do chão e pus sobre a cama. De uma hora para outra me deu uma vontade danada de dar o fora. Estava para chegar um sermão daqueles. Isso eu ainda aguentava, mas ter de ouvir o sermão sentindo cheiro de *vick-vaporub* e vendo o velho Spencer de pijama e roupão, tudo ao mesmo

tempo, isso também já era demais.

Mas o negócio começou mesmo.

— O que é que há com você, rapaz? — disse o velho Spencer, com uma voz um bocado severa, o que não era muito do estilo dele. — Quantas matérias você tinha neste semestre?

— Cinco.

— Cinco. E está sendo reprovado em quantas?

— Quatro. (Mexi a bunda na cama, um pouquinho para o lado. Era a cama mais dura em que eu já havia sentado em toda a minha vida.) — Passei em Inglês — disse — já tinha estudado esse troço todo de literatura quando estava no Colégio Whooton. Quer dizer, não tinha quase nada para fazer em Inglês, a não ser escrever umas redações de vez em quando.

Ele nem estava me escutando. Quase nunca prestava atenção quando a gente dizia alguma coisa.

— Reprovei-o em História porque você não sabia absolutamente nada.

— Eu sei disso, Professor. O senhor não podia fazer nada.

— Absolutamente nada — repetiu. Isto é um troço que me deixa maluco, quando uma pessoa repete a mesma coisa, desse jeito, depois que a gente já *concordou* na primeira vez. Ele aí disse pela *terceira* vez:

— Mas absolutamente nada. Duvido mesmo que você tenha aberto o livro uma única vez durante todo o ano.

Então, abriu ou não abriu? Vamos, rapaz, diga a verdade.

— Bem, dei umas lidas de vez em quando — respondi-lhe. Não queria magoar o velho, ele era biruta por História.

— Deu umas lidas, não foi? — disse ele com uma voz sarcástica pra chuchu.

— Sua *prova* está ali, em cima da cômoda. Bem no alto da pilha. Traga ela aqui,

por favor.

Era mesmo um golpe sujo, mas fui até lá e entreguei a folha a ele — não tinha mesmo outra saída. Sentei outra vez na cama de cimento. Puxa, ninguém pode imaginar como eu estava arrependido de ter ido até lá me despedir do velho. Pegou na prova como se fosse titica ou coisa que o valha.

— Estudamos os Egípcios de 4 de novembro a 2 de dezembro. Você *mesmo* escolheu os egípcios como tema de dissertação. Você se importa de ouvir o que escreveu?

— Não precisa, não senhor.

Mas ele começou a ler assim mesmo. Ninguém consegue parar um professor quando eles resolvem fazer alguma coisa. Vão fazendo de qualquer maneira.

Os egípcios eram uma raça antiga de caucasianos que habitava uma das regiões do norte da África. A África, como todos sabem, é o maior continente do hemisfério oriental.

Eu tinha que ficar lá sentado, ouvindo aquela *baboseira* toda. Era mesmo sujeira dele.

Os egípcios são extremamente interessantes para nós, nos dias de hoje, por várias razões. A ciência moderna ainda gostaria de saber quais os ingredientes secretos que os egípcios empregavam quando embrulhavam os mortos, para que seus rostos não apodrecessem ao longo dos séculos sem fim. Esse interessante enigma permanece ainda, no século XX, como um desafio à ciência moderna.

Parou de ler e pôs a prova no colo. Eu estava começando a ficar com uma raiva danada dele.

— Sua *dissertação*, se é que devemos chamá-la assim, acaba aqui — disse ele naquela voz sarcástica. Ninguém imaginaria que um cara tão velho pudesse ser tão sarcástico e tudo. — Entretanto, você escreveu-me um bilhetinho no pé da página.

— Eu sei, Professor — fui dizendo bem depressa para ver se ele não começava a ler também *aquilo*. Mas ninguém podia fazer ele parar. O homem estava mais

aceso que um busca-pé.

Caro Professor Spencer (começou a ler em voz alta): Isto é tudo o que sei sobre os egípcios.

Não consigo me interessar muito por eles, embora suas aulas tivessem sido muito interessantes. Mas o senhor não precisa se incomodar se eu for reprovado; fui mesmo ao pau em todas as matérias, menos Inglês.

Respeitosamente, Holden Caulfield.

Baixou a droga do papel e olhou para mim como se tivesse acabado de me dar uma surra danada num jogo de pingue-pongue ou coisa parecida. Acho que

nunca poderei perdoar o velho por ter lido aquela porcaria toda em voz alta. Eu não teria lido para *ele*, se fosse ele quem tivesse escrito aquele bilhete nojento para que ele não se sentisse mal por ter de me reprovar.

— Você me culpa por tê-lo reprovado, rapaz?

— Não senhor, claro que não! — Bem que ele podia parar de me chamar de rapaz o tempo todo.

Quando tinha acabado, tentou jogar a prova em cima da cama. Só que errou outra vez, naturalmente.

Tive que me levantar de novo, catar o papel do chão e pôr em cima do *Atlantic Monthly*. É *chato* ter que fazer isso de dois em dois minutos.

— Que faria você em meu lugar? Diga a Verdade, rapaz.

A gente podia ver que ele estava realmente sentido por ter de me reprovar.

Por isso, resolvi entrar com uma conversinha mole. Disse a ele que eu era mesmo um preguiçoso e tudo. Que eu, no lugar dele, teria feito a mesma coisa e que a maioria das pessoas não imagina como é difícil ser professor — em resumo, a maior embromação. Toda a velha conversinha fiada.

Mas o gozado é que, enquanto ia metendo a conversa mole, eu estava pensando no laguinho do Central Park, aquele que fica lá pro lado sul.

Imaginava se ele estaria gelado quando eu voltasse para casa e, se estivesse, para onde teriam ido os patos. Estava pensando para onde iam os patos quando o lago ficava todo gelado, se alguém ia lá com um caminhão e os levava para um jardim zoológico ou coisa que o valha, ou se eles simplesmente iam embora voando.

Até que tenho sorte, poder ficar dizendo aquilo tudo ao velho Spencer e, ao mesmo tempo, pensar naqueles patos. Não é preciso pensar muito quando se fala com um professor. De repente, entretanto, ele interrompeu minha conversa fiada.

Ele estava sempre interrompendo a gente.

— Como é que você está se sentindo em relação a isso tudo, rapaz? Gostaria muito de saber, muito mesmo.

— O senhor quer dizer, esse negócio de ser expulso do Pencey e tudo? —

Bem que ele podia cobrir o peito encalombado. Não era uma vista das mais agradáveis.

— Se não me engano, você também teve umas dificuldades no Colégio Whooton e no Elkton Hills, não é?

— Além da vozinha sarcástica, ele falava agora com uma pontinha de maldade.

— Em Elkton Hills, não. Lá não tive dificuldade nenhuma, não fui reprovado nem nada. Só que resolvi ir embora...

— Pode-se saber por quê?

— Por quê? Bem, é uma estória muito comprida, Professor. Quer dizer, é um bocado complicada.

Eu não estava era com vontade de discutir o assunto com ele. De qualquer jeito, não ia mesmo me compreender, estava fora do alcance dele. Uma das razões mais importantes para minha saída do Elkton Hills foi que o colégio estava entupido de hipócritas. Só isso, tinha um cretino em cada canto. Por exemplo, tinha o diretor, um tal Sr. Haas, que era o filho da mãe mais fingido que já vi. Dez vezes pior que o velho Thurmer.

Nos domingos, por exemplo, o Haas saía apertando a mão dos pais dos alunos que tinham ido ao colégio visitar os filhos. Aí era simpático pra burro e tudo mais. Exceto se os pais de algum garoto fossem meio esquisitos. Era preciso ver o que ele fazia com os pais de meu colega de quarto. Se a mãe de um menino fosse meio gordona ou suburbana, ou se o pai fosse um desses sujeitos que usam ternos com ombreira ou sapatos de duas cores, aí então o velho Haas dava-lhes um simples aperto de mão, um sorriso hipócrita e passava adiante para conversar, às vezes durante quase *meia* hora, com os pais de outro aluno qualquer. Não tolero um troço desses, fico maluco de raiva. Uma coisa dessas me deprime tremendamente. Eu odiava aquela droga daquele colégio.

O velho Spencer perguntou alguma coisa, mas não ouvi. Estava pensando no velho Haas.

— O que, Professor?

— Você não sente nenhum *remorso* por deixar o Pencey?

— Ah, sinto sim, de verdade... Mas não muito. Pelo menos até agora não.

Acho que a coisa ainda não me tocou de fato. É preciso algum tempo para que um troço me atinja realmente. Só estou pensando agora em voltar para casa quarta-feira. Sei que não tenho jeito mesmo.

— Você não se preocupa nem um pouco com o seu futuro, rapaz?

— Me preocupo, sim, evidentemente. Pensei um bocado no assunto. Mas não muito, eu acho. Não muito.

— Pois você ainda *vai* se preocupar. Vai mesmo, rapaz. Você vai se preocupar quando já for tarde demais.

Não gostei de ouvi-lo dizer isso. Era como se eu estivesse morto ou coisa que o valha. Deprimente pra burro.

— É, acho que sim — respondi.

— Eu gostaria de pôr um pouco de juízo nesta sua cabeça, rapaz. Estou tentando ajudá-lo. Estou tentando *ajudá-lo*, tanto quanto posso.

E estava mesmo, isso a gente podia ver. Mas o caso é que vivíamos em mundos diferentes.

— Sei que o senhor está tentando me ajudar, Professor. Muito obrigado. No duro, estou muito agradecido ao senhor —. Aí tratei de me levantar da cama.

Puxa, não aguentava ficar sentado ali mais dez minutos, nem que fosse para salvar minha vida. — Acontece que eu preciso ir andando, agora. Tenho uma porção de troços no ginásio e preciso apanhar tudo para levar pra casa.

Ele olhou para mim e começou a sacudir a cabeça outra vez, com aquele olhar muito sério no rosto. De repente senti uma pena danada do velho. Mas não podia continuar ali, do jeito que nós estávamos em mundos diferentes, do jeito que ele continuava a errar a cama toda vez que jogava alguma coisa em cima dela, com aquele roupão velho e triste, o peito de fora, o cheiro penetrante de *vick-vaporub* enchendo o quarto todo...

— Olha, Professor. Não se preocupe por minha causa. No duro. Tudo vai acabar bem. Só que agora estou atravessando uma crise. Todo mundo tem suas crises e tudo, não é?

— Não sei, rapaz. Não sei.

Fico danado quando alguém me responde assim.

— Não, é assim mesmo. Todo mundo tem suas fases. No duro, Professor.

Não se preocupe por minha causa.

Pus a mão no ombro dele, assim meio sem jeito.

— Não quer tomar uma xícara de chocolate quente antes de ir embora? A patroa teria...

— Bem que gostaria, no duro, mas o negócio é que tenho de ir andando.

Tenho que ir direto ao ginásio.

Mas, obrigado, Professor. Muito obrigado.

Aí trocamos um aperto de mão e essa coisa toda. O troço me deixou triste pra diabo.

— Vou escrever para o senhor. Agora vê se o senhor fica logo bom dessa gripe.

— Adeus, rapaz.

Depois que fechei a porta e fui andando para a sala ele ainda gritou alguma coisa para mim, mas não pude entender direito. Tenho certeza quase absoluta que ele gritou “boa sorte!”. Espero que não. Tomara que não tenha sido isso. Eu nunca gritaria “boa sorte” para ninguém. Se a gente pensa um pouquinho na coisa, vê que um troço desses soa um bocado mal.

3

Sou o maior mentiroso do mundo. É bárbaro. Se vou até a esquina comprar uma revista e alguém me pergunta onde é que estou indo, sou capaz de dizer que vou a uma ópera. É terrível. Por isso, quando disse ao velho Spencer que tinha de ir ao ginásio apanhar o meu equipamento, era pura mentira. Nem costume deixar a droga de meu equipamento no ginásio.

Meu quarto no Pencey ficava no Pavilhão Ossenburger, uma ala nova de dormitórios. Era reservada para alunos do terceiro e do quarto ano. Eu era terceiranista e meu colega de quarto estava no último ano. O Pavilhão tinha sido batizado em homenagem a um ex-aluno do Pencey, um tal de Ossenburger, que tinha ganho um montão de dinheiro como agente funerário depois que saiu do colégio. Foi ele quem lançou em todo o país aquelas agências funerárias em que a gente pode enterrar qualquer membro da família por cinco dólares cada. Valia a pena ver o tal de Ossenburger. Pelo jeito, ele provavelmente enfiava os cadáveres num saco e jogava tudo no rio. De qualquer maneira, havia doado uma fortuna ao Pencey e batizaram nossa ala com o nome dele. No dia do primeiro jogo de futebol do ano ele apareceu no colégio, metido numa baita duma Cadillac, e todo mundo teve que ficar de pé na arquibancada e lhe dar uma bruta salva de palmas. No dia seguinte, na capela, fez um discurso que durou umas dez horas. Começou com umas cinquenta piadas cretinas, só para provar que era um grande praça. Grande merda. Aí começou a contar como nunca se envergonhava de se ajoelhar e rezar a Deus, sempre que estava numa enrascada ou coisa parecida. Mostrou-nos como devíamos rezar a Deus — conversando com Ele e

tudo — onde quer que estivéssemos. Disse que devíamos pensar em Jesus Cristo como se Ele fosse um camaradinho nosso. Contou que *ele* conversava com Jesus o tempo todo, mesmo quando estava guiando o automóvel. Essa foi a maior!

Podia imaginar o filho da puta engrenando uma primeira e pedindo a Deus para lhe mandar mais alguns defuntos. A única coisa boa do discurso foi bem no meio. Ele estava contando que ótima pessoa que era, que sujeito bacana e tudo, quando de repente um cara que estava sentado na minha frente, o Edgar Marsalla, soltou um peido infernal. Era o tipo da coisa grosseira de se fazer numa capela e tudo, mas foi um bocado engraçado. O sacana do Marsalla por

pouco não mandou o teto pelos ares. Quase ninguém riu alto, e o velho Ossenburger fingiu que nem tinha ouvido, mas o velho Thurmer, o diretor, estava sentado bem ao lado dele no tablado, e a gente podia ver que *ele* tinha ouvido. *Puxa*, o homenzinho ficou fulo de raiva. Na hora não disse nada, mas na noite seguinte decretou estudo obrigatório e apareceu para fazer um discurso.

Disse que o rapaz que havia causado o distúrbio era indigno de pertencer ao Pency. Tentamos convencer o Marsalla a soltar outro, bem no meio do discurso do velho Thurmer, mas ele não estava no estado de espírito necessário. De qualquer modo, lá é que era meu quarto: Pavilhão Ossenburger, nova ala de dormitórios.

Foi um bocado bom voltar para o quarto depois de sair da casa do velho Spencer, porque todo mundo estava no jogo e, para variar, o sistema de aquecimento estava funcionando em nosso quarto. Tirei o paletó, a gravata, desabotoei o colarinho e pus na cabeça um chapéu que tinha comprado em Nova York. de manhã.

Era um desses chapéus de caça, vermelho, com a pala bem comprida. Eu o tinha visto na vitrina de uma loja de artigos esportivos quando saímos do metrô, logo depois que descobri que havia perdido a porcaria dos floretes e tudo. Só custou um dólar. Usava o chapéu com a pala virada para trás — de um jeito meio ridículo, mas era assim mesmo que eu gostava. Aí apanhei o livro que estava lendo e sentei na minha poltrona. Havia duas poltronas em cada quarto. Eu tinha uma e meu colega de quarto, Ward Stradlater, tinha outra. Os braços estavam em petição de miséria, porque todo mundo sentava sempre em cima deles, mas eram umas poltronas um bocado confortáveis.

Estava lendo um livro que tinha apanhado por engano na biblioteca. Me deram o livro errado e só notei quando já estava de volta no quarto. Haviam me dado *Fora da África*, de Isak Dinesen. Pensei que ia ser uma droga, mas não era não. Até que era um livro muito bom. Sou bastante ignorante, mas leio um bocado.

Meu autor preferido é meu irmão D.B. e, em segundo lugar, Ring Lardner.

Meu irmão me deu um livro do Ring Lardner no meu aniversário, antes de eu ir para o Pencey. Tinha uma porção de peças malucas, engraçadas pra burro, e um conto sobre um guarda de trânsito que se apaixona por uma garota muito bonita, que dirigia sempre em excesso de velocidade. Só que o guarda era casado, e por isso não podia casar com ela nem nada. Aí a garota acaba morrendo, porque dirigia sempre em excesso de velocidade. Achei essa estória infernal. O que eu gosto mesmo é de um livro que seja engraçado, pelo menos de vez em quando.

Li uma porção de livros clássicos, como *A Volta do Nativo*, e tudo, e gostei

deles; li também vários livros de guerra e de mistério, mas nenhum desses me deixou maluco. Bom mesmo é o livro que quando a gente acaba de ler fica querendo ser um grande amigo do autor, para se poder telefonar para ele toda vez que der vontade. Mas isso é raro de acontecer. Eu até que gostaria de telefonar para esse tal de Ring Lardner, só que o D. B. me disse que ele já morreu. Mas, por exemplo, esse livro do Somerset Maugham, *A Servidão Humana*, que li no verão passado. É um livro bom pra chuchu e tudo, mas não me dá vontade de telefonar para o Somerset Maugham. Sei lá. Não é o tipo de sujeito que a gente tenha vontade de telefonar para ele, essa é que é a verdade.

Preferiria telefonar para o Thomas Hardy. Gosto muito da tal de Eustacia Vye.

Seja lá como for, pus meu chapéu novo na cabeça, sentei e comecei a ler o tal do *Fora da África*. Não tinha lido nem umas três páginas quando ouvi alguém atravessando as cortinas do chuveiro. Mesmo sem olhar já sabia quem era. Era o Robert Ackley, que morava no quarto ao lado do meu. Na nossa ala havia um chuveiro entre cada dois quartos, e o tal do Ackley encarnava em mim umas oitenta e cinco vezes por dia.

Era provavelmente o único cara em todo o dormitório, além de mim, que não estava vendo o jogo. Ele quase nunca ia a lugar *nenhum*. Era um sujeito um bocado esquisito. Já estava no último ano, tinha feito o curso inteiro lá mesmo no Pencey, mas todo mundo só chamava ele de Ackley. Nem mesmo o Herb

Gale, seu companheiro de quarto, chamava ele de Bob ou mesmo Ack. Se é que algum dia ele vai se casar, aposto que a mulher dele também vai chamá-lo de Ackley. Era um desses camaradas altos pra burro, de ombros largos — devia ter um metro e oitenta e sete — com uns dentes podres. O tempo todo que morou no quarto ao lado do meu, não o vi escovar os dentes nem uma única vez. Os dentes dele estavam sempre meio esverdeados, parecia até que já tinham criado musgo, e dava nojo vê-lo no refeitório, com a boca cheia de purê de batatas, ervilha ou coisa que o valha. Além disso, tinha um bocado de espinhas. Não era só na testa ou no queixo, como a maioria dos sujeitos, mas pela cara toda. E não era só isso, tinha um gênio dos diabos, o tipo do indivíduo desagradável. Confesso que não ia lá muito com as fuças dele.

Podia sentir que ele estava em pé, na borda do chuveiro, bem detrás da minha poltrona, dando uma olhada para ver se o Stradlater andava por perto.

Ackley não topava o Stradlater, e nunca entrava no quarto com ele por lá. No duro mesmo, acho que o safado não topava era ninguém.

Desceu da borda do chuveiro e entrou no quarto. — Oba — disse. Ele sempre dizia isso como se estivesse terrivelmente chateado ou terrivelmente cansado. Não queria que os outros pensassem que ele estava fazendo uma visita,

ou coisa parecida; queria que a gente imaginasse que ele tinha entrado por *engano!*

— Oba — respondi, mas nem levantei a cabeça do livro. Com um sujeito como o Ackley, a gente estava perdido se levantasse a cabeça do livro. Estaria perdido de *qualquer jeito*, mas não tão depressa como se houvesse logo olhado para ele.

Começou a zanzar pelo quarto, devagarinho e tudo, como sempre fazia, mexendo nos objetos pessoais da gente que estivessem por cima das escrivaninhas ou das mesas. Estava sempre apanhando um objeto pessoal de alguém para dar uma olhada. Puxa, tinha horas que botava a gente nervoso.

— Como é que foi a competição de esgrima? — perguntou. Mas era só para me obrigar a parar de ler e deixar de me divertir. — Ganhamos, ou como é que foi?

— Ninguém ganhou — respondi. Mas sem olhar para ele.

— O quê?

Ele estava sempre obrigando a gente a dizer as coisas duas vezes.

— Isso mesmo. Ninguém ganhou.

Dei uma olhadela para ver o que é que ele estava fazendo na minha escrivaninha. Estava olhando o retrato de uma garota com quem eu costumava sair em Nova York, Sally Hayes. Ele já devia ter apanhado e olhado aquela droga daquele retrato umas cinco mil vezes desde o dia em que o recebi. Quando tinha se fartado de mexer numa coisa, punha sempre de volta no lugar errado. Fazia isso de propósito, evidentemente.

— *Ninguém* ganhou, não é? Como é que pode?

— Esqueci a droga dos floretes e do equipamento no metrô.

Continuava com a cara enfiada no livro.

— No *metrô*, essa é boa! Quer dizer que você *perdeu* tudo?

— Nós tomamos o trem errado e eu tinha que ficar me levantando para olhar a porcaria do mapa na parede.

Chegou para perto de onde eu estava e se postou bem em frente da luz. Aí eu disse:

— Puxa, já li essa mesma frase umas vinte vezes desde que você chegou.

Qualquer um teria entendido a indireta, menos o Ackley. Menos ele.

— E você acha que vão te fazer pagar o equipamento? — perguntou.

— Sei lá, e estou pouco ligando. Que tal você se sentar ou coisa que o valha, hem, meu menino? Você está bem na frente da minha luz.

Ficava possesso quando alguém o chamava de menino. Estava sempre dizendo que eu era criança, porque eu tinha dezesseis anos e ele dezoito. Ficava

maluco quando eu o chamava de meu menino.

Nem com isso saiu do lugar. Era *exatamente* o tipo do sujeito que não sai da frente da luz se a gente pedir. Depois de algum tempo acabava saindo, mas

sempre demorava mais um pouco se a gente tivesse pedido a ele para sair.

— O que é que você está lendo?

— Uma droga dum livro.

Deu um empurrão no livro para ver o título e perguntou:

— Como é? Vale alguma coisa?

— Essa *frase* que eu estou lendo é genial.

Às vezes, quando me dá vontade, consigo ser um bocado sarcástico. Mas ele nem entendeu a ironia.

Começou a andar outra vez pelo quarto, mexendo em todos os meus objetos pessoais e do Stradlater. Afinal, pus meu livro no chão. Ninguém consegue ler mais nada com um sujeito como o Ackley por perto. É totalmente impossível.

Deixei o corpo escorregar até lá em baixo da poltrona, e fiquei olhando o sacana do Ackley se pondo à vontade, como se estivesse em casa. Estava começando a me sentir um pouco cansado da viagem a Nova York e tudo, e comecei a bocejar.

Aí comecei a bancar o maluco pra fazer hora. De vez em quando eu banco o maluco uma porção de tempo, só para não ficar chateado. O que fiz foi puxar a pala do meu chapéu para a frente e dobrar para baixo, tapando os olhos. desse jeito não conseguia ver porcaria nenhuma.

— Acho que estou ficando cego — eu disse, numa voz rouca pra chuchu. —

Mãezinha querida, está ficando tudo tão *escuro* aqui.

— Juro que você é maluco — disse o Ackley.

— Mãezinha querida, me dá a tua *mão*. Por que é que você não me dá a tua *mão*?

— Oh, por favor. Vê se cresce, tá?

Comecei a tatear na minha frente, como se fosse cego, mas sem me levantar nem nada. — Mãezinha querida, por que é que você não me dá a tua *mão*? —

continuei dizendo, mas estava só bancando o maluco, naturalmente. Às vezes um negócio desses me diverte um bocado, e além disso eu sabia que o Ackley ficava danado com a brincadeira. Ele sempre despertava em mim uma ponta de sadismo. De vez em quando eu era um bocado sádico com ele. Acabei parando.

Puxei a pala de volta para trás e sosseguei.

— De quem é isso? — Ackley perguntou. Estava me mostrando a joelheira do meu companheiro de quarto.

O sacaneta do Ackley mexia em *qualquer* troço. Era até capaz de apanhar a culhoneira da gente, ou qualquer outra coisa. Disse que era do Stradlater e ele aí

jogou a joelheira em cima da cama dele. Tinha apanhado em cima da *escrivaninha*, por isso é que jogava em cima da *cama*.

Aproximou-se e sentou no braço da poltrona do Stradlater. Nunca sentava numa poltrona, tinha que ser sempre no braço da poltrona.

— Onde é que você arranjou esse chapéu?

— Em Nova York.

— Quanto foi?

— Um dólar.

— Então você foi roubado.

Começou a limpar a droga das unhas com a ponta de um fósforo. Estava sempre limpando as unhas. De certo modo, era até engraçado. Os dentes dele estavam sempre esverdeados de sujeira, as orelhas eram uma imundície, mas ele não passava um dia sem limpar as unhas. Acho que pensava que isso o tornava um sujeito muito *limpo*. Deu outra olhadela para meu chapéu enquanto limpava as unhas.

— Lá onde eu moro a gente usa esse tipo de chapéu para caçar veado, por Deus do céu. Esse chapéu só serve para caçar veado.

— Nada disso.

Tirei o chapéu e olhei para ele, com um dos olhos meio fechado, como se estivesse fazendo mira.

— Esse chapéu aqui é para caçar gente. Eu uso ele para caçar gente.

— Teu pessoal já sabe que você levou bomba?

— Neca.

— Onde é que se meteu o Stradlater, afinal de contas?

— Está lá no jogo. Arranjou uma guria.

Bocejei outra vez, não parava mais de bocejar. Também, o quarto estava estupidamente quente, dava um sono danado na gente. No Pencey, ou a gente morria gelado ou derretia de tanto calor.

— O grande Stradlater — disse o Ackley. — Ei, me empresta tua tesourinha um minuto? Ela está à mão?

— Não, já botei na mala, e a mala está lá em cima do armário.

— Apanha ela um instante, tá bom? Tem um fiapo de pele aqui que eu quero cortar.

Para ele não fazia diferença se a gente tivesse posto um troço na mala e tivesse que ir apanhar em cima do armário. Mas fui pegar a tesourinha, assim mesmo, e quase morri por causa disso. Na hora em que abri a porta do armário, a raquete de tênis do Stradlater — com a guarnição de madeira e tudo — caiu bem na minha cabeça. Fez um barulho tremendo e doeu pra chuchu. Me deu vontade de esganar o filho da mãe do Ackley.

Ele deu uma gargalhada que mais parecia um cacarejo e ficou se esbaldando o tempo todo, enquanto eu apanhava a mala e tirava a tesourinha para dar a ele.

Bastava acontecer uma coisa dessas — um sujeito levar uma pedrada na cabeça ou coisa que o valha — que o Ackley se mijava de tanto rir.

— Você tem um senso de humor fenomenal, meu menino. Sabe disso? — fui falando enquanto entregava a tesourinha a ele. Deixa eu ser teu empresário, te

arranjo um contrato para você trabalhar no rádio.

Sentei de novo na minha poltrona, e ele começou a cortar aquelas unhas que mais pareciam uns cascos.

— Que tal você usar a mesa, hem? Vê se corta essa porcaria dessas unhas em cima da mesa, tá? Não tenho a mínima vontade de andar hoje de noite por cima do resto das tuas unhas.

Nem deu bola, continuou cortando as unhas e deixando as aparas cair no chão. Vai ser mal-educado assim no inferno.

— Quem é a namorada do Stradlater? — perguntou. Ele estava sempre querendo saber com quem o Stradlater saía, embora não fosse com a cara dele.

— Sei lá. Por quê?

— Por nada. Rapaz, eu não suporto aquele filho da puta. Se há um filho da puta que eu não suporto, é ele.

— Pois ele te *adora*. Me disse que te acha um príncipe.

Tenho a mania de chamar os outros de príncipes, quando me dá vontade de aporrinhar o sujeito. Só para não ficar chateado nem nada.

— Ele está o tempo todo com aquela atitude superior — continuou o Ackley.

— Não topo aquele filho da puta. Parece até que ele...

— Você se importa de cortar as unhas em cima da *mesa*, hem? Já te pedi umas cinquenta vezes...

— Está sempre com aquele ar superior. Nem acho o sacana inteligente. Ele *pensa* que é. Acho ele o maior...

— Ackley! Que merda! Quer fazer o *favor* de cortar a porcaria das tuas unhas em cima da mesa? Merda, já te pedi umas cinquenta vezes...

Só para variar ele começou a cortar as unhas em cima da mesa. A única maneira dele fazer alguma coisa era berrando com ele. Fiquei olhando para ele algum

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "O Apanhador no Campo de Centeio" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).